

RECONCILIAÇÃO, REENCONTRO COM DEUS

E PERDÃO DOS IRMÃOS EM TEMPO QUARESIMAL

1. O caminho quaresmal - vai-nos preparando para a celebração da Páscoa. Cada semana tem um ponto de esforço, iluminado sempre pelo Evangelho do domingo. O deserto da tentação, a transfiguração no monte, a água no poço de Jacob, a cura do cego de nascença no Templo são apenas etapas de um caminho para chegar à ressurreição integral; não a ressurreição de Lázaro, mas a Ressurreição de Jesus, que, definitivamente, venceu a morte. Para viver este tempo com a maior intensidade, há atitudes que são essenciais:

- Pôr-se a caminho – é desinstalar-se, ter capacidade de deixar muitas coisas, viver a liberdade dos simples, não querer nada, para se abandonar completamente à acção de Deus;
- Aceitar desafios – supõe ter ideais e metas concretas, saber que o Senhor nunca pede demais, conhecer a medida do amor com que Ele nos ama e nos faz melhores;
- Querer mudar – torna-se um imperativo, depois de reconhecer que há coisas que não estão certas, compreendendo que corrigir erros, ultrapassar dificuldades, aceitar objectivos diferentes constitui uma forma nova de viver e ser feliz;
- Receber apoios – é, sem dúvida, indispensável, mas as ajudas para a mudança de vida são exigentes, porque na oração, num conselho, numa leitura da Palavra de Deus, o Senhor pede sempre mais. Portanto, não nos fiquemos com o pouco que fazemos para mudar;

- Ir até ao fim – faz parte do caminho que se quer percorrer, pois “uma vez descoberto o caminho, nada mais havia a fazer senão segui-lo, e segui-lo até ao fim”.

Nesta caminhada quaresmal, o que está em causa é mesmo celebrar a Páscoa, viver com Cristo a grande transformação pessoal, na relação com Deus, mas também na relação com as pessoas e com as situações. É a ressurreição da vida.

2. A quarta semana da Quaresma que estamos a viver, é para o cristão o tempo do perdão, o tempo favorável, o dos dias da reconciliação. Vamos pedir perdão uns aos outros, vamos pedir perdão a Deus.

Os cristãos podem deixar-se conduzir pelas parábolas da misericórdia: a ovelha perdida, a dracma perdida, o filho pródigo (cf. Lc 15). Em todas elas há características que se tornam paradigma da misericórdia de Deus, perante o concreto da vida dos seres humanos:

- *O sentimento de perda* e a saudade do bem que se deitou fora: o pastor, a dona de casa, o pai – todos sofrem a perda da ovelha, da dracma e do filho. Querem recuperá-los, têm necessidade de encontrá-los, são perseguidos por um sentimento de culpa;
- *A coragem na procura*, para vencer o drama interior. Deixar as 99 ovelhas para procurar a que se perdeu, varrer a casa, desarrumar os móveis para encontrar a dracma (moeda), levantar-se repetidas vezes da “cadeira de pai” para olhar o caminho e esperar o regresso do filho, são atitudes que exigem coragem e determinação;
- *A alegria do reencontro*. Não é que uma ovelha seja uma perda muito grande, ou que uma dracma tenha muito

valor, e o filho até teve um comportamento errado, consumindo todos os bens que recebeu. Então, porquê tanta alegria? Somente porque o que se chama misericórdia não é outra coisa senão um extraordinário hino de amor e o amor transporta sempre uma alegria sem fim!;

- *A festa começou* com os outros pastores, com as amigas da dona de casa, com a família e os empregados da casa do pai do filho indigno. Estamos a ver que o reencontro pede sempre uma festa, não o barulho ou a gargalhada ou a música estridente, mas a festa no interior de cada um e da comunidade que celebra a unidade e a paz reencontradas. Assim, também numa comunidade se faz festa quando acontece o perdão de Deus e se reconciliam os irmãos.

3. Do perdão recíproco à reconciliação com Deus.

Que bom é saber que Deus perdoa sempre! O sacramento da reconciliação outra coisa não é do que a confirmação de que o senhor nos perdoa porque nos perdoamos uns aos outros. É a recitação do “Pai Nosso”: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6,11).

- No dia da Ressurreição, Jesus venceu as mortes, e convidou à mudança de vida (cf. Jo 20,19-20). Deu o espírito Santo, para ser possível discernir as situações e superar as dificuldades. Ofereceu a paz, a fim de que a serenidade do coração pudesse construir a união na comunidade humana. Pediu aos Apóstolos para perdoarem em seu nome, com sinais claros de que Ele perdoaria sempre: “Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados” (Jo 20,23).

- O Sacramento da Reconciliação é um sinal que revela à comunidade que o Senhor já perdoou a quem pediu perdão a Deus e aos irmãos. A reconciliação é, assim, reciprocidade no perdão; celebra-se na certeza de que Deus perdoa, na medida em que o pecador também é capaz de perdoar. E é um amigo pecador (o sacerdote) que tem o dom e o poder de anunciar o perdão de Deus que a todos ama.

Ao compreender a misericórdia de Deus, o cristão sabe que o perdão lhe foi oferecido. Deus perdoa sempre. É a “amnistia geral”. O Senhor não oferece o perdão num julgamento, mas num acto de amor. Não é uma figura estranha e assustadora à maneira humana que começa por perguntar o nome. Não, não está num pedestal e já conhece o interior de quem pede perdão.

4. *O cristão deve ter em atenção* que o sacramento da Reconciliação deve ser preparado. Com uma consciência recta, avalia-se aquilo em que se não foi tão perfeito. Todo o sacramento é um sinal que exprime a fé e a fortalece. Assim, pelo sacramento da Reconciliação exprime-se a confiança ilimitada na misericórdia de Deus e experimenta-se a força necessária para tentar não ofender mais a Deus. Se o perdão de Deus é total, o Homem mantém no entanto a sua habitual fragilidade e a sua eventual inclinação para voltar as costas ao seu Senhor. Mas sabe que o Senhor perdoa sempre.

5. *Avaliação da consciência.* Se se quisesse elencar uma boa avaliação de consciência, poder-se-ia ter em conta várias situações de vida:

* A relação com Deus – Que lugar tem Deus na minha vida? Até que ponto me encontro com Ele a sós? De que forma Lhe confio a minha vida? Falo com Ele como um amigo fala ao seu amigo?

Aceito as suas orientações expressas na Sua Palavra e na voz autorizada da Igreja?

* A relação com os irmãos – Dou atenção aos outros? Preocupo-me com os mais pobres e os que mais sofrem? Digo sempre a verdade? Reservo-me não dizer mal de ninguém? Trato a todos por igual? Perdoo a todos os que me ofendem?

* O mundo do trabalho – Procuo ser competente? Sou solidário com os companheiros? Preocupo-me em ser mais eficaz? E, se possível, dou trabalho aos outros? Respeito a todos no meu dia a dia?

* A vida de família – Procuramos a comunhão total ou cada um pretende viver à parte, independente? Perdoamo-nos mutuamente nas dificuldades? Partilhamos o que temos e somos? Cultivamos a alegria ou criamos conflitos que geram tristeza? Respeitamos o cansaço dos outros ou antes sobrecarregamos os seus ombros? Repartimos o trabalho?

* A responsabilidade social – Sentimo-nos membros activos da família humana? Assumimos a intervenção política como cristãos? Batemo-nos pelo bem comum? Aceitamos as dificuldades de todos ou queremos reivindicar benefícios e privilégios apenas para nós?

* A administração económica – Temos consciência de que somos apenas administradores dos bens materiais? Assumimos que o supérfluo pertence e é para distribuir pelos mais pobres? Entendemos que investir na ajuda aos outros é uma forma privilegiada de pobreza cristã? Como cristãos, entendemos este tempo de pandemia como um pretexto para nos dedicarmos mais e melhor a quem nada tem, porque foi despedido, porque

não tem dinheiro para a renda da casa e demais necessidades primárias e que muito afectam a vida familiar?

Estas e muitas outras questões pode cada um levantar ao avaliar a sua consciência na procura da perfeição que a reconciliação recomenda.

Todas estas considerações vêm a propósito para nos lembrar que este é o tempo favorável para nos reconciliarmos com Deus e com os irmãos. A Páscoa da Ressurreição merece este nosso propósito.

Saudações cordiais para os amigos e amigas espalhados pelo mundo, especialmente os residentes na cidade de Kingston, Ontario, Canada.

N.B. Este texto foi escrito de acordo com a antiga ortografia

António Costa Pires